

A PERCEPÇÃO DOS ATORES REGIONAIS SOBRE A COOPERAÇÃO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE CONFEÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI-RS

THE PERCEPTION OF REGIONAL ACTORS ON COOPERATION IN THE CLOTHING AND ACCESSORY MANUFACTURING INDUSTRY IN THE IN THE REGION OF COREDE VALE DO TAQUARI - RS

Alexandre Comel e Cidonea Machado Deponti

Recebido em: 18/11/2020
Aceito em: 06/04/2021

emaildoautor@gmail.com

Resumo: O artigo tem como principal objetivo analisar a percepção de cooperação no setor industrial da confecção do vestuário e acessórios na região do COREDE do Vale do Taquari - RS. Para tanto, realizou-se pesquisa qualitativa, de modo exploratório por meio de questionário semiestruturado junto aos atores regionais, num total de 25 respondentes. Concluiu-se que a cooperação é percebida como positiva entre os atores regionais, ficando mais restrita entre as empresas e não praticada dentro do potencial regional.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional, aglomeração, atores regionais.

Abstract: The article aims to analyze the perception of cooperation in the clothing and accessories manufacturing industry in the region of COREDE Vale do Taquari - RS. To do so, it was performed qualitative research, in exploratory way through semi-structured questionnaire with the regional actors, in a total of 25 respondents. It was concluded that cooperation is perceived as positive among regional actors, being more restricted among companies and not practiced within the regional potential.

Keywords: Regional development, agglomeration, regional actors

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo procura apresentar o resultado do estudo sobre a percepção da cooperação entre os atores regionais que atuam no setor da indústria de confecção de artigos do vestuário e acessórios dentro da área de abrangência do Conselho Regional de Desenvolvimento - COREDE do Vale do Taquari-RS. Para isso caracterizou-se socioeconomicamente o setor da confecção do vestuário da região a partir dos aspectos produtivos, comerciais e estruturais das empresas; buscou-se compreender as inter-relações existentes entre as empresas que desenvolvem a atividade de confecção do vestuário na região e os demais atores regionais; identificou-se as ações e práticas de cooperação entre as empresas e entre elas e os demais atores regionais; e, analisou-se a percepção dos atores regionais sobre as razões, os estímulos e as dificuldades para a realização de ações práticas de cooperação entre si.

Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica a partir do levantamento de artigos, teses, dissertações e livros que tratam da temática. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, de modo exploratório, a fim de compreender as situações, valores e práticas com base na visão de mundo dos atores. Caracterizou-se também por ser descritivo-analítica, pois tem o objetivo de compreender a concepção dos atores regionais sobre a cooperação e os fatores que favorecem ou desfavorecem a cooperação entre eles. Foram denominados atores regionais as empresas do setor analisado, a universidade, a CIC Vale do Taquari, o SEBRAE Vales do Taquari e Rio Pardo; o SENAI - Lajeado; ACIL - Associação Comercial e Industrial de Lajeado; o CODEVAT - Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari; a empresa LUME Organização de Eventos (organizadora da Feira CONFEC); e as prefeituras municipais (representadas pelos secretários envolvidos com a pasta de indústria, comércio e serviços) de Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Encantado e Santa Clara do Sul.

Para coleta de dados foram aplicados questionários semiestruturados e para análise desses dados utilizou-se a análise de conteúdo com base nas categorias aglomeração, território, cooperação e desenvolvimento regional e da codificação dos dados empíricos. A análise de conteúdo é uma técnica desenvolvida por Bardin (1979) que consiste em descrever, analisar e interpretar as mensagens dos discursos proferidos pelos entrevistados. A pesquisa contemplou os seguintes municípios: Lajeado, Teutônia, Estrela, Arroio do Meio, Encantado e Santa Clara do Sul

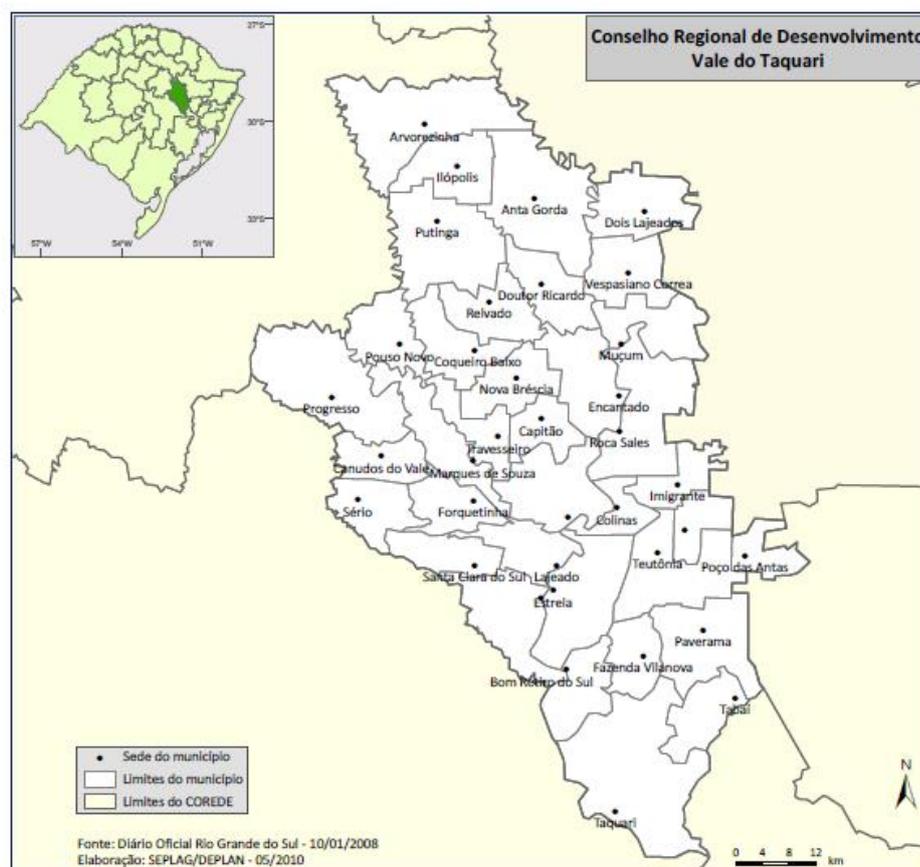
Esta pesquisa visa contribuir para discussão da temática servindo de fonte de consulta, de orientações para estudos de demais cadeias produtivas regionais e assim, lançar luzes sobre a importância da cooperação para o desenvolvimento regional. Assim, espera-se que possa representar um convite à região para a discussão sobre o setor de confecção, de modo a incluí-lo nas pautas estratégicas e criar estímulos para sua expansão, através de ações e de projetos devidamente articulados entre todos os interessados.

O artigo está dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção apresenta-se o setor da indústria da confecção do vestuário na região analisada. Na segunda seção, trata-se da abordagem teórica sobre desenvolvimento regional e cooperação. E, na terceira parte, discute-se sobre a percepção dos atores regionais sobre a cooperação.

2. O VALE DO TAQUARI E O SETOR DA INDÚSTRIA DA CONFEÇÃO DO VESTUÁRIO NA REGIÃO

O Vale do Taquari-RS, aqui definido territorialmente como a região de abrangência do COREDE do Vale do Taquari é formado, por 36 municípios, estando localizado na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul, distante em média 150 quilômetros de Porto Alegre, ocupando uma área de 4.826,7 km² (1,79% da área do RS). A região, dentro dos limites do COREDE é composta por Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália, conforme site da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) Vale do Taquari (2021).

Figura 1: Mapa da Região do COREDE Vale do Taquari-RS



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2015).

A população do Vale do Taquari em 2018 era de 369.710 pessoas, segundo dados da FEE (2020). O Vale é formado por várias etnias, em especial as de origem alemã, italiana e açoriana e é caracterizado por uma economia diversificada, tanto na agropecuária como na indústria de transformação e na prestação de serviços. Tal situação coloca estrategicamente a região em certa vantagem em relação às outras, pois é menos suscetível aos efeitos de crises econômicas. Nos pequenos municípios se destaca o setor da agropecuária, enquanto nos municípios maiores sobressaem-se atividades ligadas à indústria e ao setor de serviços e comércio. O PIB da região, em 2017, foi de R\$12.724.208.176,00 e os cinco principais municípios, tomando por base o PIB municipal, conforme a tabela 1. O município de Santa Clara do Sul encontra-se incluído na tabela por ser um dos municípios que fizeram parte da pesquisa de campo e juntos, esses seis municípios correspondem a 58% do PIB regional.

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos municípios estudados no Vale Taquari-RS

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (2018)	PIB (2017)	PIB PER CAPITA (2017) - R\$	% PARTIC. PIB REGIÃO
LAJEADO	88.261	3.662.789.915,	45.888,70	28,79%
TEUTÔNIA	32.620	1.289.616.986,	41.808,24	10,14%
ESTRELA	34.277	1.275.215.488,	38.479,65	10,02%
ARROIO DO MEIO	21.528	1.058.559.947,	52.217,83	8,32%
ENCANTADO	22.673	827.010.762,	37.373,95	6,50%
SANTA CLARA DO SUL	6.874	230.968.547,	36.749,18	1,82%
REGIÃO - VALE DO TAQUARI	369.710	12.724.208.176,		65,58%

Fonte: FEE (2020) e Data Sebrae (2020).

A indústria da Confeção de Artigos do Vestuário e Acessórios corresponde à divisão 14 dentro do setor da Indústria de Transformação na CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas, segundo site do IBGE (2020), e compreende a confecção, por costura, de roupas para adultos e crianças, de qualquer material (tecidos planos e de malha, couros, etc.) e para qualquer uso (roupas íntimas, sociais, profissionais, etc.), confeccionadas em série ou sob medida, compreendendo também os serviços de confecção (corte, costura, etc.), os serviços de facção e a confecção de acessórios do vestuário para uso pessoal.

Não é o setor mais significativo na região, mas ao todo, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais - RAIS (2018), existem 261 empresas com 1.204 funcionários. O município que concentra o maior número de empresas é Lajeado, cidade polo da região, com 81 (31,03% das 261) e conseqüentemente possui o maior número de empregados (189 dos 1.204 - 15,70%). A subclasse com o maior número de empresas e funcionários é a 1412-6/01 - Confeção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas e as Confeccionadas Sob Medida, com 161 e 865, respectivamente.

Quanto ao porte dessas empresas, conforme o portal da RAIS (2018), 93,49% são micro empresas - ME (244 empresas), 6,13% são empresas de pequeno porte - EPP (16) e 0,38% são Médias (1). Em relação aos empregados, as ME empregam 44,93% (541 funcionários); as EPP 45,85% (552) e as Médias, 9,22% (111), totalizando 1.204. Quanto ao sexo, dos 1.204 conforme RAIS 2018, 1.065, ou 88,46% eram mulheres e 139 (11,54%) homens. A média salarial do sexo masculino era superior a da feminina à época, R\$ 1.873,91 contra R\$ 1.491,89, um pouco abaixo da média geral que era de R\$ 1.536,00. Já 87,29% ou 1.051 dos empregados são da raça branca. O grau de instrução dos trabalhadores, consultado no site Data Sebrae, se concentra em mais da metade, 51,25%, ou 617 empregados no nível médio completo; 29,15% (351) Fundamental Completo; 16,53% (199) Fundamental Incompleto; 2,82% (34) com superior completo e até funcionários com mestrado (2) e doutorado (1).

Aprofundando informações sobre as empresas na região, foi possível identificar vários pontos negativos ou dificuldades que elas enfrentavam. No ano de 2016, foram coletados dados junto a 27 (vinte e sete) empresas na região, escolhidas de modo aleatório, localizadas nos municípios de Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Forquetinha e Santa Clara do Sul, mediante questionário fechado, que representavam pontos críticos que impactavam, à época, negativamente na gestão desses negócios. Os dez itens mais votados foram os seguintes: 1 - Escassez de mão de obra qualificada; 2 - Dificuldade na manutenção de capital de giro; 3 -

Métodos de venda deficientes; 4 - Inexistência de planejamento estratégico; 5 - Marcas desconhecidas; 6 - Custos elevados para realizar atividades de marketing/métodos de divulgação deficientes; 7 - Deficiências de controles e indicadores financeiros/custos; 8 - Concorrência de outros estados (shoppings de fábricas, centros de compras e atacados de SC e SP; 9 - Foco no mesmo tipo de cliente; 10 - Deficiências em técnicas e controles de gestão da produção (COMEL, 2016).

Este levantamento serviu de base para demonstrar um panorama do setor industrial da confecção do vestuário na região, evidenciando problemas existentes dentro deste segmento empresarial e seus impactos em nível de produtividade e de competitividade em geral, motivos suficientes para a realização de práticas de cooperação, e suas implicações para o desenvolvimento regional. Esses pontos são problemas comuns que poderiam ser tratados de forma coletiva. Assim, questiona-se o que impede ou dificulta que as ações coletivas sejam realizadas? O que falta para que os empresários possam cooperar entre si? Qual a percepção de cooperação existente entre os empresários?

3. O DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A COOPERAÇÃO

O levantamento de problemas estruturais enfrentados pela indústria de confecção local pode vir a ensejar a possibilidade da criação de ações e de projetos mediante práticas cooperativas entre os empresários com o fim de proporcionar melhorias ao setor como um todo e assim, gerar desenvolvimento em nível regional. Para se poder chegar ao entendimento do que poderia ser considerado como desenvolvimento regional, primeiramente se fez necessário a abordagem de conceitos que tratam do desenvolvimento econômico.

Para Sandroni (1994) o crescimento econômico é acompanhado da melhoria do nível de vida da população e de alterações estruturais na economia, possibilitando a distribuição mais equânime das riquezas produzidas. Já Oliveira (2002) entende que o desenvolvimento é resultante de um processo complexo de mudanças e de transformações de ordem econômica, política, humana e social. Dessa forma, entende-se que o desenvolvimento apresenta incrementos positivos no produto e na renda decorrentes do crescimento, satisfazendo as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras. O atendimento dessas necessidades coletivas é resultante de

um clima de confiança entre os membros de uma comunidade, ou seja, da existência de capital social e de cooperação.

Becker (2008) aborda a organização e a participação da sociedade como fatores para o desenvolvimento, pois uma sociedade mais organizada socialmente é mais participativa politicamente e em consequência, mais desenvolvida economicamente. Esse processo de organização social pró-desenvolvimento regional, alicerçados em relação de confiança, normas e sistemas, ou seja, em capital social, possibilita a realização de objetivos que seriam inalcançáveis sem a sua existência.

Tratando da organização social, de acordo com Boisier (1996), estas são agentes regionais nas redes de interação sinérgica tais como: as instituições de educação e de treinamento, pesquisa e desenvolvimento, consultorias especializadas, capital de risco, de trabalho e, sobretudo, funções decisórias radicadas localmente. Boisier (1996) define também, através do conceito do Hexágono do Desenvolvimento Regional, que para a organização dependem da existência e necessidade de articulação de seis elementos a saber: a) atores – individuais, corporativos, coletivos; b) instituições (públicas e privadas) – inteligentes, virtuais, velozes e flexíveis; c) cultura – competitiva/individualista, cooperativa/solidária, auto-referência; d) procedimentos – gestão, administração, informação, modernidade; e) recursos – materiais, humanos, psicossociais, conhecimentos; e, e) entorno – mercado, estado, relações internacionais. Esses elementos articulados, dentro de um projeto coletivo, podem gerar as condições de desenvolvimento do território. Caso contrário, se terá apenas uma “caixa preta”, de efeito desconhecido, o que pode vir a explicar ou justificar os motivos de fracassos de muitas iniciativas.

Becker (2008) também defende o envolvimento dos agentes regionais, atuando de forma coletiva e associada, como forma de gerar desenvolvimento de modo específico para cada região:

[...] o envolvimento - dos agentes regionais - deve ser entendido como a capacidade cultural, acumulada regionalmente, dos agentes sociais, políticos econômicos de uma região para constituir e construir, de forma coletiva associada, seu próprio padrão de desenvolvimento (BECKER, 2008,p. 55).

Finalmente, pôde-se formular um entendimento de desenvolvimento regional que considera a melhoria na qualidade de vida da população, em termos de saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, entre outros. Originada da distribuição de modo mais

equilibrada, uniforme possível, dos benefícios ocasionados pelo incremento no crescimento econômico. Decorrente da execução de projetos e de atividades constantes no planejamento estratégico da região, desenvolvidos de forma sinérgica, organizada, articulada, em cooperação com os atores regionais.

Projetos e atividades que não constam no plano estratégico regional podem gerar crescimento econômico e distribuir benefícios em forma de melhoria na qualidade de vida da população regional ou do público beneficiário de forma direta ou indireta, mas serão ações aleatórias, não devidamente alinhavadas, analisadas pela gestão regional, fazendo com que a sua probabilidade de sucesso seja menor por falta de sinergia, de envolvimento e da cooperação necessária entre os atores regionais.

Pelo conceito apresentado, a cooperação é um dos elementos que se faz necessário na construção de projetos e de ações com vistas a promover o desenvolvimento regional. Para Amato Neto (2000), a cooperação é a realização de atividades conjuntas entre duas ou mais empresas/entidades visando a resolução de problemas/objetivos comuns a fim de alcançarem resultados recíprocos que não seriam possíveis se agissem de forma isolada. Dessa forma, as ações cooperativas ocorreriam para atender a uma série de necessidades que estas empresas/entidades podem apresentar, tais como: aumentar o poder de compra; compartilhar competências; dividir riscos e custos para gerar novas oportunidades; oferecer produtos de maior qualidade, entre outros.

Putnam (1996) traz à tona o conceito de capital social, o qual se refere às características da organização social, como confiança, normas e sistemas que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando a ocorrência de ações ordenadas, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis sem a sua existência. A cooperação voluntária, espontânea ocorre de modo mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social, segundo o autor.

Ainda Abramovay (2000), quando refere-se a cooperação, destaca que muitas empresas identificaram a necessidade deixar de lado a concorrência e procuram cooperar para garantir sua permanência no mercado, surgindo novas parcerias, alianças e outras formas de cooperação.

As empresas locais de confecção aparentemente apresentavam motivos (problemas) que poderiam originar ações cooperativas entre elas e os demais atores regionais, mas para que estas ações tivessem êxito de fato, levantou-se a necessidade de identificar qual a percepção sobre a

cooperação entre os atores regionais que atuam no setor da indústria de confecção de artigos do vestuário e de acessórios no COREDE do Vale do Taquari. O levantamento de informações sobre o setor realizado por Comel (2016) evidenciou, reforçou e deu visibilidade às dificuldades estruturais que as empresas vinham enfrentando, tanto que estas informações serviram de justificativa para a organização de uma feira de negócios com viés nacional (cancelada temporariamente) que seria realizada em Lajeado (Feira da Indústria da Confecção - CONFEC+), a qual teria potencial para colocar a região no mapa dos grandes eventos deste setor.

Em suma, as dificuldades estruturais da indústria foram identificadas, as quais poderiam ter seu impacto minimizado se ações coletivas fossem realizadas para este fim entre as próprias empresas e entre elas e os demais atores regionais. Consequentemente, projetos e atividades seriam promovidas visando melhorar os níveis de emprego e de renda, favorecendo o desenvolvimento social e econômico da região.

Destaca-se que no momento em que se identifica/compreende a percepção de cooperação por parte dos atores regionais, suas inter-relações, identifica-se as ações e práticas cooperativas dentro do grupo e analisa-se a percepção destes sobre as razões, estímulos e práticas para cooperarem entre si têm-se um diagnóstico. Esse diagnóstico pode servir de orientação, ponto de partida para o desenvolvimento de estratégias setoriais mais assertivas e consequentemente com menor possibilidade de erro.

4. A PERCEPÇÃO DOS ATORES REGIONAIS SOBRE COOPERAÇÃO

Para discutir sobre a percepção dos atores regionais sobre a cooperação dentro do setor da indústria da confecção do vestuário e acessórios na região do Vale do Taquari-RS selecionou-se os seguintes municípios para a realização da pesquisa: Lajeado, Teutônia, Estrela, Arroio do Meio, Encantado e Santa Clara do Sul. Os cinco primeiros possuem, na ordem, os maiores PIB da região, sendo esse o critério determinante para as escolhas. Já o município de Santa Clara do Sul teve sua escolha relacionada ao fato de se querer analisar o setor em um município menor, fora do eixo dos cinco principais, e pelo mesmo fazer divisa com o município sede que é Lajeado. Quanto à seleção das empresas, priorizou-se os participantes da pesquisa realizada em 2016, já mencionada. Houve também busca na internet, na lista de contatos da Feira CONFEC+ e indicações por parte dos secretários municipais. A ideia inicial era ter, pelo menos, uma empresa por município selecionado.

Para a identificação dos demais atores regionais, considerou-se o Hexágono do Desenvolvimento Regional de Boisier (1996) que cita como atores principais os atores (individuais, corporativos, coletivos); as instituições (públicas e privadas). Também apoiou-se em Albagli, Maciel (2004) que classificam como os agentes econômicos (no caso, clientes, parceiros e competidores; fornecedores de insumos, componentes ou equipamentos: fornecedores de serviços técnicos); os de conhecimento (consultores; universidades e institutos de pesquisa); de regulação (governos em seus vários níveis) e sociais (sindicatos, associações empresariais, as organizações de suporte e as do terceiro setor, entre outros).

Dessa forma, julgou-se necessário entrevistar a UNIVATES (universidade regional), através dos responsáveis pelo curso superior de Tecnologia em Design de Moda; a CIC Vale do Taquari - Câmara da Indústria, Comércio e Serviços (de atuação regional); SEBRAE Vales do Taquari e Rio Pardo; SENAI - Lajeado; ACIL - Associação Comercial e Industrial de Lajeado (estabelecida no município polo da região e por ser uma entidade que atua em prol dos interesses dos seus associados); CODEVAT - Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (tem como princípio a promoção do desenvolvimento regional; a empresa LUME Organização de Eventos (organizadora da Feira CONFEC+); e as prefeituras municipais (representadas pelos secretários envolvidos com a pasta de indústria, comércio e serviços) de Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Encantado e Santa Clara do Sul.

Dos questionários enviados por e-mail entre dezembro de 2019 e março de 2020, ao todo, retornaram vinte e cinco respondidos dentro deste mesmo período, sendo doze por parte das empresas e treze dos demais atores. Sete questionários enviados às empresas não retornaram. De Lajeado, seis empresários responderam, três de Arroio do Meio, um de Santa Clara do Sul e dois de Estrela. Não se obteve retorno por parte de empresas de Teutônia e de Encantado.

De posse das respostas dos questionários, passou-se a efetuar as devidas análises. Com base nos apontamentos dos entrevistados verificou-se que as relações de cooperação são pontuais e eventuais, concentrando-se mais entre as próprias empresas para atender questões meramente operacionais do que entre elas e os demais atores regionais, apesar de todos reconhecerem da sua importância e dos benefícios que se pode obter, além dos que já se obtêm. Ou seja, há espaço para a cooperação evoluir.

Dentre os motivos que levam à não ampliação da cooperação entre as empresas, de acordo com a resposta dos entrevistados estão: a visão do outro como concorrente e a falta de

abertura por parte dos empresários. Em relação aos demais atores regionais a situação é semelhante, ficando a questão da não cooperação ainda sem resposta conclusiva, o que pode servir de tema de estudos futuros.

Outro objetivo era identificar ações e práticas de cooperação entre as empresas e entre elas e os demais atores regionais. Observou-se que a cooperação das empresas restringe-se a seus pares. Observa-se que a mesma se apresentou mais restrita e eventual (já comentado), ficando entre poucas empresas, destacando-se a troca de experiências, de informações, de fornecedores, terceirização de produção/auxílio de mão de obra, empréstimos e troca de itens e compras em conjunto. Já com os demais atores regionais, as interações das empresas com estes se mostraram da seguinte forma:

- a) Instituições de ensino e pesquisa: As interações existentes ou quando ocorreram foram para algum tipo de qualificação específica, organização da empresa e para a contratação de profissionais;
- b) Entidades de classe, sindicatos e de apoio às empresas: com exceção de um caso onde a interação com entidades de apoio ocorreu para sanar algum tipo de dúvida (não especificada) ou para orientação e crescimento da empresa;
- c) Órgãos públicos: Um dos empresários informou que participa de palestras e cursos com o SEBRAE;
- d) Clientes: relações comerciais apenas; e,
- e) Fornecedores de matéria prima, insumos, mão de obra: relações comerciais.

Além das interações já realizadas pelos empresários, alguns dos entrevistados informaram que gostariam de ter entre as empresas e com os demais atores regionais a realização de encontros ou reuniões, possibilitando a troca de experiências, o explanar de problemas e de soluções de cada empresa para o crescimento comum; a criação de central de compras com relação sobre fornecedores; banco de dados de colaboradores; visitas técnicas e cursos de especialização em gestão e produção; importação de itens que não existem no mercado nacional e a implantação de serviços de mecânica destes equipamentos. Em geral, a visão dos empresários em relação às ações e práticas cooperativas se restringe mais às questões operacionais do que propriamente estratégicas.

Por outro lado, volta-se a atenção à análise dos demais atores regionais em relação ao

tipo de interação/ações/atividades que a sua instituição/organização mantém com as empresas deste setor ou com outras instituições para este setor. Com exceção do SENAI, do SEBRAE e da UNIVATES que trabalham a questão da capacitação, formação profissional e o empreendedorismo, as demais instituições pouco ou nada interagem com o setor. A ACIL é apoiadora e co-realizadora da feira CONFEC+. O SEBRAE mantém interações com a UNIVATES e o SENAI para a realização de eventos de apresentação das tendências de moda com foco na indústria e no varejo.

Quanto às prefeituras, no mais, não há uma interação específica com o setor, apenas apoio para iniciativas isoladas como feiras e eventos setoriais (Feira CONFEC+) e aquisição de produtos. Também atendem aos empreendedores com incentivos e parceria com o SEBRAE, como na prefeitura de Teutônia. E para os fornecedores, o cancelamento da feira fez com que a empresa perdesse por enquanto o contato com as empresas e o segmento de um modo geral.

Novamente, tanto as entidades como as prefeituras podem proporcionar mais ações/atividades e benefícios às empresas do setor de confecções do que se faz atualmente, ou seja há um potencial subutilizado, subproveitado. Juntamente com o fornecedor percebe-se uma visão mais estratégica e ampla do potencial de ações a serem desenvolvidas, além de uma predisposição maior por parte destes para que isso aconteça do que por parte dos empresários.

Como último objetivo tem-se analisar a percepção dos atores regionais sobre as razões, os estímulos e as dificuldades para a realização de ações práticas de cooperação entre si. Os empresários entrevistados possuem consciência de que a cooperação é benéfica para seus negócios em vários aspectos, ou seja, há razões e estímulos para que ela aconteça, embora existam fatores inibidores ao processo cooperativo, como individualismo das pessoas; a concorrência; a desconfiança e o medo de se expor (apresentar suas deficiências). A divergência de ideias; a falta de tempo para se dedicar ao assunto (empresário de pequena empresa é um faz tudo); a desorganização do setor devido ao fato de as empresas não se conhecerem também foram mencionados. Além disso, a falta de um agente que promova essa aproximação, o que pode significar a falta de uma liderança no processo, principalmente por parte dos empresários. Pode-se acrescentar também a falta de abertura, sendo necessário estabelecer relações de confiança, já citados anteriormente.

A concorrência entre as empresas, o individualismo, a competição, o receio, a falta de tempo e o desconhecimento sobre o tema cooperação inibem a cooperação em nível regional, juntamente com a desconfiança de que alguém vai copiar ou descobrir um segredo do outro, o

imediatismo dos empresários e a falta de visão estratégica destes.

Em relação à importância da existência de uma organização/instituição regional para coordenar as ações do setor como um todo, tanto as entidades, universidade, prefeituras e fornecedores foram unânimes em responder que sim. No entanto, ficou em aberto quem seria a entidade gestora deste processo; se seria aproveitada a estrutura das associações comerciais; de quem deveria partir a iniciativa; e se os empresários estariam preparados para isso.

Ainda foram levantados como, repetidamente, como pontos dificultadores do processo de cooperação o desenvolvimento de pessoas a fim de adquirirem conhecimento de causa para ajudarem na organização; a existência de lideranças já que o processo requer poder de mobilização e de articulação; o querer por parte dos empresários juntamente com a falta de maturidade do setor para desenvolver este assunto.

Para finalizar a análise deste objetivo, entende-se que há diversas razões que estimulam como também desestimulam a realização de ações e práticas cooperativas conjuntas entre as empresas do segmento da confecção do vestuário e entre elas e os demais atores regionais entrevistados. Há um consenso de que a cooperação é benéfica para todos os envolvidos diretamente, como também indiretamente (sociedade em geral) das mais variadas formas, mas, um aspecto em questão chamou a atenção. Mesmo havendo razões para a cooperação e a predisposição por parte de prefeituras, entidades, universidade, fornecedor de serviços e entidades de apoio às empresas para que a mesma ocorra, não se identificou o “querer” por parte dos empresários, pois sem este “querer” ou “acreditar”, o processo não avança. Assim, mesmo com todo o trabalho educativo e a sensibilização que se possa fazer, caso não exista o engajamento ao projeto ou à iniciativa, possivelmente a cooperação não se efetive na região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises realizadas foi possível perceber que aparentemente há um campo fértil para desenvolver atividades cooperativas entre os empresários e entre estes com os demais atores regionais, pelo menos os entrevistados, no caso as prefeituras, universidade, fornecedor e entidades e a grande maioria dos empresários entendem que a cooperação entre eles poderá trazer benefícios diversos, sejam de forma direta ao envolvido como de forma indireta, no caso a sociedade em si e o setor empresarial como um todo. Os empresários possuem uma visão mais operacional a respeito da cooperação, ou seja, para resolver seus problemas operacionais em

específico, enquanto os demais atores pesquisados dão a entender uma visão mais estratégica, mais ampla, pensando no setor por completo, a fim de lhe dar mais importância e visibilidade. Aparentemente, são os que demonstraram maior propensão em cooperar.

Na prática a cooperação é mais restrita, concentrando-se, principalmente, nas empresas, não sendo praticada entre todos os empresários entrevistados. A cooperação entre as empresas com os demais atores, é praticamente inexistente e entre os atores do setor de confecção, também é pouco efetiva, possivelmente reflexo da situação. O setor não interage, assim não ganha visibilidade e, em consequência, não recebe muita atenção. Apesar de haver fatores estimuladores para a cooperação, também há dificuldades para que a mesma aconteça.

Mesmo não sendo o setor com a maior relevância para a região, evidenciado pelos dados que foram possíveis ser coletados e pelos depoimentos dos secretários municipais, algumas iniciativas de se construir um projeto coletivo foram tentadas, mas não obtiveram êxito. Possivelmente, a maior das dúvidas que fica é se os empresários de fato querem cooperar, primeiramente entre si para depois envolver os demais atores regionais. Este fato, apesar de importante, não deve inibir ou mesmo impedir novas iniciativas em trabalhar o setor da indústria da confecção do vestuário na região, pois já se tem um diagnóstico prévio com a presente dissertação, um ponto de partida de onde poderão ser desenvolvidas estratégias mais assertivas, com menor possibilidade de erro.

Durante a pesquisa não havia sido encontrado outros trabalhos e/ou estudos sobre as indústrias de confecção do vestuário na região do COREDE Vale do Taquari, como também não se teve condições de explorar mais a fundo a questão da caracterização socioeconômica do setor a fim de se ter uma dimensão mais exata do objeto de estudo, até porque se acredita haver informalidade, o que resulta na não identificação nos dados oficiais de informações relativas à participação no PIB da região e de cada município; a quantidade real de empresas e de funcionários; a idade das máquinas e do espaço físico; o faturamento real. Informações que poderiam ser apuradas a partir de outras pesquisas.

Como foi verificado que a cooperação dentro do setor não se efetivou, os questionamentos demonstraram pontos inibidores deste processo, tais como: o individualismo das pessoas; a concorrência; a desconfiança e o medo de se expor (apresentar suas deficiências); a ganância e a falta de abertura. Ademais destaca-se a falta de iniciativa e o engajamento por parte dos empresários. Possivelmente, uma avaliação do capital social ajudaria a compreender melhor essas situações.

Para finalizar, espera-se que este estudo possa ter continuidade por parte de algum pesquisador, que se apropriando sobre o tema, possa atuar junto ao setor da confecção regional, integrando os demais atores na elaboração e na execução de projetos e de ações vinculados a um grande planejamento estratégico regional, para que, quiçá cumpra-se os propósitos de fato do desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 9-16, set/dez, 2004.

ATLAS Socioeconômico do Rio Grande do Sul, 2015. [Online]. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br>>. Acesso em: 20 set.2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.

BECKER, D.; WITTMANN, M. L.(Org). *Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares*. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

BOISIER, S. Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa preta e o projeto político. *Planejamento e Políticas Públicas*, n.13, p. 111-147, Junho de 1996.

CIC - Câmara de Indústria, Comércio e Serviços Vale do Taquari. [Online]. 2020. Disponível em: <<https://www.cicvaledotaquari.com.br>>. Acesso em: 20 set.2020.

DATA SEBRAE. [Online]. 2020. Disponível em: <<https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Empregados>>. Acesso em: 20 set.2020.

FEE - Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul. *Perfil sócio econômico, COREDES*. [Online]. 2020. Disponível em: <<https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>> Acesso em : 20 set.2020.

IACONO, A. *Interação e cooperação em sistemas locais de produção: uma análise dos fatores inibidores segundo as especificidades das pequenas empresas*. São Carlos-SP. 150f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação e Área de concentração em Engenharia de Produção) – Universidade de São Paulo - Escola de Engenharia de São Carlos, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Online]. 2020. Disponível em: <<https://ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 set.2020.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. *Programa de disseminação das estatísticas do trabalho*. [Online]. 2018. Disponível em: <<http://pdet.mte.gov.br/novo-caged>>. Acesso em: 20 set.2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. *Painel de Informações do Novo Caged*. [Online]. 2020.

Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiM2ZiNzk5YzUtODU5OS00YjFmLTk1NjltNDY1M2IwMTJhOTgzIiwidCI6ImNmODdjOTA4LTRhNjUtNGRlZS05MmM3LTExZWE2MTVjNjMyZSIsImMiOjR9>>. Acesso em: 20 set.2020.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista FAE*, Curitiba, v. 5, n.2, p. 37-48, maio/ago 2002.

DO OURO FILHO, A. M. *Análise dos fatores condicionantes da desarticulação na cooperação de um arranjo produtivo local: o caso de Tobias Barreto/SE*. Aracajú-SE. 2013. 128 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Administração) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

DO OURO FILHO, A. M.; OLAVE, M. E. L.; BARRETO, I. C. Fatores Desarticuladores da Cooperação em Arranjos Produtivos Locais: Um Estudo Quantitativo no APL de Confecções de Tobias Barreto/SE. *BBR - Brazilian Business Review*, vol. 12, núm. 5, septiembre-octubre, p. 17-40, 2015. FUCAPE Business School Vitória, Brasil.

PUTNAM, R. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

VIEIRA, E. T.; SANTOS, M. J. Desenvolvimento econômico regional – uma revisão histórica e teórica. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, [S.l.], v. 8, n. 2, jun. 2012. ISSN 1809-239X. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/679>>. Acesso em: 20 set. 2020.